



Construções de identidades e corpos abjetos na sociedade: análise à luz do Candomblé¹

Sauanny de Oliveira LIMA²

Rosana Costa de SOUSA³

Alessandro Wilson Reinaldo Gonçalves Fernandes⁴
Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

O presente trabalho aborda a temática da construção de identidades que tomamos como marginalizadas e inferiorizadas na sociedade. Ilustraremos o caso da Caminhada em Combate à Intolerância Religiosa que ocorre na cidade de Juazeiro do Norte, fornecendo um exemplo de atuação e resistência que vai de encontro a um padrão de catolicismo vigente. Para reflexão, a pesquisa costura as contribuições dos estudos de corpos abjetos, de Judith Butler, com a problemática de Michel Foucault sobre dispositivos disciplinares dos corpos, instituições cuja função é a adestrar comportamentos e observar tais identidades na mídia.

PALAVRAS-CHAVE: minorias; identidades; candomblé; intolerância religiosa; teoria queer.

Introdução

Trazemos no desenvolvimento do artigo o conceito de corpos abjetos, sujeitos que são colocados à margem da normalidade imposta e construída socialmente. Tais sujeitos são considerados úteis apenas para as diversas formas de escárnio público, são os anormais perante o conjunto de normas que convenciamos padronizar como modelos para todos. E, como Judith Butler (1993) esclarece, se limitar a classificar as pessoas, rotulando-as, acaba por tão somente reproduzir a desvalorização dos corpos que os opressores tem feito e deixa sempre de lado outros tipos de corpos.

Em resposta a tal marginalização, se vê na cidade de Juazeiro do Norte, interior do estado do Ceará, um fenômeno de resistência: a Caminhada em Combate à Intolerância Religiosa, organizada pela Mãe Maria de Xangô. Todo dia 21 de janeiro, ocupando as ruas de trajes de branco, integrantes de diversas religiões, mas em sua maioria pertencentes ao Candomblé e Umbanda.

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFCA, email: sauanny.cs@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFCA, email: winonarosana@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social- Jornalismo UFCA, email: alessandroen@gmail.com



No tocante a exclusão de um grupo, percebe-se a demarcação de uma diferença construída perante uma identidade católica predominante. A divisão simbólica que demarca a diferença acaba ocasionando preocupações táteis como o caso que originou a Caminhada em Combate à Intolerância Religiosa que acontece em Juazeiro do Norte. Tendo em vista que a intolerância religiosa provoca ações de preconceito chegando eventualmente a derivar casos de violências físicas e morais.

Invenção de Sujeitos em Foucault e Corpos Abjetos na Teoria Queer

Michel Foucault na primeira fase dos seus estudos, estruturalista, dedica-se a análise de como a ciência produz sujeitos. Segundo o autor, são as ciências modernas que vão enquadrar os sujeitos, inventando, por exemplo, a doença mental e classificando as doenças mentais e vão inventar o louco como conhecemos hoje, enquadrado num distúrbio específico. Na obra *As palavras e as coisas* (2002), o autor explica que estuda-se as coisas e aquilo que dá nome às coisas com a palavra. De forma que existem coisas que as palavras descrevem e coisas que a palavra inventa, o discurso é quem cria, por exemplo, a homossexualidade, a doença mental, o prisioneiro e outras categorias, chamadas aqui de minorias sociais.

Desse modo, não é o homem que inventa a realidade, é a ciência que inventa o homem, essa noção de sujeito centrado, dono da sua percepção. A modernidade vai entronizar a razão como o ápice do humanismo, então o homem utiliza a razão, não mais a religião, para explicar a realidade: pensamento racional. E tal noção de homem é muito restrita, quem fica fora "desse homem" fica conseqüentemente alheio ao "ser" humano, o que a teoria queer chama de abjeção, aquela esfera de existência onde aqueles corpos não são sequer considerados humanos (travestis, negros e negras, nordestinos e nordestinas, deficientes).

Foucault tira a ciência do trono, Sigmund Freud faz isso de certa forma, quando diz que o homem é muito menos senhor de si do que ele pensa, porque existe o inconsciente, o ato-falho, impulsos, coisas que estão fora do domínio da razão. Razão esta, que a modernidade encara como centro do universo ou do humanismo. Na verdade, a racionalidade não dá conta da realidade.

As ciências modernas surgem, então, para produzir essa noção de homem e de normalidade. Organizam a vida e a distribuem dentro do que "é humano" e o que "não é humano", "normal" e "anormal". O projeto de Michel Foucault, portanto, é mostrar o



equívoco da modernidade, que teve o seu ideal de igualdade, liberdade e fraternidade através do ser humano, mas na verdade finda produzindo esferas de humano que excluía grande parte da população – exemplificado em nosso estudo com a categoria de adeptos de candomblé. Desse modo, o homem moderno é o homem europeu e quem está fora dessa noção está, de certo modo, fora do centro da humanidade.

Já na segunda fase, Foucault diferencia os estudos. Se na primeira quer saber como a ciência produz/inventa esses sujeitos, na segunda coloca a questão do poder sobre os sujeitos, porém sem abandonar o saber. Na Genealogia do poder, se preocupa não apenas com as ciências, mas compreendendo a ciência como um elemento dentro dos dispositivos de poder que disciplinam os corpos, tornam nossos corpos "economicamente úteis e politicamente dóceis". Assim, "as identidades sociais são efeitos da forma como o conhecimento é organizado e que tal produção social de identidades é "naturalizada" nos saberes dominantes." (MISKOLCI, 2009 p. 153)

Para Judith Butler, "o que frequentemente acaba acontecendo é que as pessoas apresentam teorias abstratas sobre coisas do tipo da abjeção, depois dão os exemplos, e então os exemplos se tornam normativos de todo o resto. O processo se torna paradigmático e acaba por produzir suas próprias exclusões" (1993, p. 162). Com a possibilidade de se criar certa confusão em se definir ou não identidades que enquadram os sujeitos, Miskolci explica que "o papel do queer não é desqualificar os movimentos identitários, antes apontar as armadilhas do hegemônico em que se inserem e permitir alianças estratégicas entre os movimentos que apontem como objetivo comum a crítica e contestação dos regimes normalizadores que criam tanto as identidades quanto sua posição subordinada no social." (MISKOLCI, 2009 p. 152) Em outras palavras:

As tipologias são exatamente o modo pelo qual a abjeção é conferida: considere-se o lugar da tipologia dentro da patologização psiquiátrica. Entretanto, prevenindo qualquer mal-entendido antecipado: o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante. (BUTLER, 1993, p. 161)

Considerando a individualidade de cada ser humano, a teoria queer instiga a consciência para a diversidade de corpos, independentemente de crença e prática religiosas. O que é bastante difícil de se ver nas sociedades que impõem modelos comportamentais de convivência e, sobretudo de existência, amparados na lógica de



consumo e comportamento padronizados, no individualismo e na negação das características/diferenças pessoais de cada um.

A teoria queer começou a ser desenvolvida no final da década de 1980 por uma série de pesquisadores e ativistas bastante diversificados, especialmente nos Estados Unidos: "A escolha do termo queer para se autodenominar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, servia para destacar o compromisso em desenvolver uma analítica da normalização", afirma Miskolci (2009, p. 151). Os estudos problematizam as concepções clássicas de sujeito, identidade e identificação. Portanto,

O queer lida com sujeitos sem alternativa passada nem localização presente, daí frases como "estamos em toda parte" e "estranhos internos à sociedade" que demonstram paradoxo de presença e invisibilidade, internalidade e exclusão. (MISKOLCI, 2009, p. 161)

O que predomina é o oposto, as rotulações, enquadramentos dos sujeitos em categorias, gerando estigmatizações dos corpos. Como nos lembra Erving Goffman:

Os gregos que detinham bastante conhecimento de recursos visuais criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor. Uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos. (GOFFMAN, 1988, p. 5)

Os estigmas de hoje são quase idênticos, podendo o fogo ser substituído pela violência física que os corpos abjetos sofrem cotidianamente. Para Gilles Lipovetsky (2005), a sociedade narcisista prefere enxergar o mesmo, o idêntico. Logo, rejeita o diferente, reproduz o riso do mesmo, onde corpos abjetos são levados ao escárnio público. Excluindo-se, portanto, os sujeitos diferentes com o pretexto dos seus chamados "defeitos" e naturalizando essa prática ao mesmo tempo.

E o que acontece com a estigmatização dos corpos é o completo esquecimento das várias outras características que também determinam o sujeito, onde sua identidade social é comprometida. É gerado um conjunto de expectativas sobre os corpos a partir do nascimento e tudo que não seguir o padrão é marginalizado, errado, aberração. Sob essa perspectiva, quando é retirado todo o conjunto de comportamentos e subjetividades que tornam o sujeito um ser humano "normal", não resta mais do que sua condição de sujeito inferior.



Em *Vigiar e Punir: a história das prisões* (2000), Foucault analisa como a modernidade cria instituições cuja utilidade são para domesticar os nossos corpos, adestrar os nossos comportamentos. O subtítulo refere-se não só às prisões de cárceres, mas de instituições que são construídas a partir do modelo arquitetônico panóptico, desenvolvido por Jeremy Bentham, na modernidade. Consiste em um tipo de prédio onde é possível, a partir do centro, vigiar todo o entorno do que precisa ser vigiado e eventualmente punido.

Então, é a história de todas as instituições, inventadas pela modernidade que as suas funções são disciplinar os corpos e todas elas possuem modelo arquitetônico muito parecido. Na obra, o autor analisa prisão, escola, fábrica, exército e hospital, cinco locais que a modernidade inventa para adestrar os nossos corpos, nos tornar economicamente úteis para o capital e politicamente dóceis para não resistir a dominação. Se observarmos a arquitetura de escolas veremos que é muito parecida com a de prisões e hospitais, só que na prisão é cela, no hospital leito e na escola é sala de aula, uma serialização. A noção de que são as celas devem estar nas bordas e o pátio, local de controle no meio, onde pode-se vigiar o maior número possível de salas. Modelo de vigilância significando pouco espaço para transgressão.

Um exemplo: no que cabe ao estudo de História nas escolas, sempre se começa relatando a população negra como escravos que foram trazidos para o Brasil. Deste modo, a conceituação na época sobre a inumanidade desses indivíduos continua sob a mesma leitura nos dias atuais, pessoas destituídas de origem e cultura próprias. A própria história oficial exclui frequentemente as influências de minorias sociais nos rumos dos processos históricos. Ao não abordar a cultura negra e sua importância, se remete a um racismo que está presente até hoje, esquecendo de uma terra que tem seus próprios costumes e religião, que compõem a nossa cultura, esta que sofreu tentativas de ser invisibilizada por um catolicismo latente. Tendo a escola importante papel dentro da manutenção de práticas é um espaço para debate, tensionamento e reflexão, logo, de exposição dos diferentes componentes da nossa cultura híbrida.

A Caminhada em Combate à Intolerância Religiosa

A marcha acontece na região do Cariri cearense, a qual sua região metropolitana é constituída pelos municípios de: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Caririáçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. A cidade de Juazeiro do



Norte, que em espaço geográfico é a menor da região com apenas 248 Km², é, no entanto, a mais populosa, com cerca de 255.648 segundo o último IBGE (2012) e possui o maior índice econômico.

Com a peregrinação, que ocorre principalmente nos dias 24 de março e 20 de julho, para receber a bênção do Padrinho Padre Cícero, a cidade recebe uma aura cristã latente. Esta que não paira somente durante estes dias, mas se estende ao cotidiano dos moradores da localidade.

Tradição esta, que acaba sendo vista como própria deste lugar, deixando em segundo plano o fato de que ela foi “inventada” em um dado ponto da história, e acaba nos dizendo quem somos, o que se devemos fazer e o que merece certa manutenção. O processo de formulação de uma tradição arraigada acaba sendo incorporado sem uma análise coletivo cultural, concomitantemente não é tensionada com a modernidade, o monumento adquire um novo papel junto as condições urbanas, a simbologia cultural moderna vem recriar uma antiga ordem (CANCLINI, 2008).

Advindo de vários locais, este povo promove um sincretismo, com a passagem das misturas religiosas, a fusão mais complexa de crenças somando-se às práticas religiosas tradicionais. Nas capas de lamê, no cetro, na coroa, utilizados para representar o padre e a virgem, e mais ainda no reisado, vemos a incorporação de elementos das religiões afro-brasileiras.

Se considerarmos o sincretismo, em sentido mais amplo, como a adesão simultânea a vários sistemas de crenças, não só religiosas, o fenômeno se expande notoriamente, sobretudo entre as multidões que recorrem, para aliviar certas enfermidades, a remédios indígenas ou orientais e, para outras, à medicina alopática, ou a rituais católicos ou pentecostais. O uso sincrético de tais recursos para a saúde costuma ir junto com fusões musicais e de formas multiculturais de organização social. (CANCLINI, 2008, p.23)

É nesse contexto, entre tantas práticas que passam despercebidas, no ano de 2010, realizada a primeira Caminhada em Combate à Intolerância Religiosa, organizada pela Casa de Candomblé Ilê Axé OmindandereciMutalegi e o Grupo de valorização negra do Cariri - GRUNEC, que já atua na região há 12 anos. Com a manifestação rompe-se um silêncio mantido até então. A marcha que acontece sempre dia 21 de janeiro, percorre a rua de maior concentração comerciária da cidade, a rua São Pedro.

Em entrevista, Mãe Maria afirma que a caminhada ocorre com o objetivo de unir todas as religiões e não afrontar religião nenhuma, tendo em vista que é necessário



quebrar os preconceitos e mostrar que o seu candomblé é igual a qualquer outra religião, afirma a mãe de santo.

Mãe Maria também relata que a caminhada surgiu a partir da vontade de realizar a lavagem da escadaria da igreja basílica, matriz de Juazeiro do Norte, inspirada na lavagem das escadarias do Nosso Senhor do Bonfim, através de um sonho em que lhe vinham pedir para realizar o feito. Entretanto o padre responsável pela igreja matriz não autorizou, e diante da negativa, Mãe Maria entrou em contato com o Grupo de valorização negra do Cariri (GRUNEC) que mediou uma conversa dela com o bispo Dom Fernando que também não autorizou a lavagem.

Sendo assim o Grupo entrou em contato com a Comissão pela liberdade religiosa do Rio de Janeiro que sugeriu que acontecesse aqui a Marcha em Combate à Intolerância Religiosa. Dando por fim o processo na organização e mobilização para marcha que já perdura há cinco anos.

Na primeira edição houve apenas representação de terreiros, já na segunda realização houve um engajamento também dos católicos, e a terceira edição foi a que teve maior público, vindo integrantes do candomblé, de umbanda, do espiritismo e católico, inclusive pessoas de outros estados.

Na quarta marcha houve uma maior repercussão com um caso de agressão verbal aos participantes do evento, o capelão padre Victor Hugo agrediu verbalmente e praticou gestos obscenos contra as mães de santos. O caso teve repercussão nas mídias locais e nas redes sociais com auxílio dos organizadores do Rio de Janeiro.

Apesar desses casos, a marcha vem cumprindo seu objetivo, que é conscientizar os praticantes das religiões marginalizadas para que estes se orgulhem e não se sintam oprimidos no tocante a assumirem sua religião, independente das identidades traçadas e diferenças estabelecidas.

Em suma, vemos que a diferença estabelecida entre catolicismo e candomblé assume neste contexto suporte para reforço de identidades estabelecidas e ancoradas em uma tradição como padrão para todos e todas, fatores que construíram um evento que ressalta a pluralidade e luta pelo reconhecimento de uma cultura plural.

A Questão Midiática

Outro mecanismo que atua na demarcação do sujeito é a mídia. Com entretenimento e publicidade se descreve um padrão a ser seguido, tanto colocando o



“diferente” à margem quanto não dando espaço para que a diversidade tenha voz, possa ser vista e ouvida com seus devidos direitos. Pouco é visto sobre candomblé, enquanto o catolicismo assume o palco principal no sofá das casas, adentrando a sala, quarto e cozinha, deixando o terreiro nos quintais, é portanto, amplamente invisibilizado.

Como é delimitada a mensagem que perpassa diversos meios, e como ela é recebida e absorvida pelo receptor? Observando também o contexto econômico a que se encontra uma determinada classe, ela é representada não porque se vê uma necessidade de representar, dar voz a mesma, e sim porque ascendeu economicamente e tem em si poder de compra. O reforço da mídia e suas representações tem reflexos no cotidiano. O sujeito fala a partir de uma ótica própria, de sua colocação dentro do contexto, atua como balizador de discussões de raça e gênero, entre outros, a serem questionados por vezes dentro dos movimentos sociais. Conforme afirma o Intervezes - Coletivo Brasil de Comunicação Social:

A mídia também reforça estigmas, ou seja, marcas de desqualificação da diferença – e, em um país de dominação branca, a pele escura tende a ser estigmatizada. Os profissionais da mídia acabam privilegiando ainda os interesses empresariais dos veículos em que atuam frente a outras questões, como a discriminação étnico-racial, e não se pode deixar de observar a reduzida presença de negros e negras no quadro desses meios, principalmente nas funções com visibilidade pública. (2014, p. 32)

Assumindo que identidade não é fixa, a identidade se constrói, ela não é natural ou biológica, vemos essa mesma identidade como fator para mobilização política.

As identidades são produzidas em momentos particulares no tempo. Na discussão sobre mudanças globais, identidades nacionais em étnicas ressurgentes e renegociadas e sobre os desafios dos “novos movimentos sociais” e das novas definições das identidades pessoais e sexuais, sugeri que as identidades são contingentes, emergindo em momentos históricos particulares. Alguns elementos dos “novos movimentos sociais” questionam algumas das tendências a fixação das identidades da raça, da classe, do gênero e da sexualidade, subvertendo de certas características consideradas essenciais. (WOODWARD, 1997, 39)

A diferença atua como forte marcação dentro deste processo, como na diferenciação entre o sagrado e o profano, homem e mulher, o lugar que cabe a cada um. A marcação da distinção cria as oposições dentro da cultura e sociedade. O fator questionador é primordial para que haja uma mudança de padrões, como o debate dentro



da educação que foi citado, e o olhar atento sobre práticas que são naturalizadas dentro do convívio entre os sujeitos.

Na perspectiva da diversidade, a diferença é a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializados quais se devem tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Mas será que as questões da identidade e da diferença se esgota nessa posição liberal? (SILVA, 2000, 73).

Identidade e diferença estão estreitamente ligadas uma a outra, sendo que em uma afirmação se constrói a elaboração de uma negação que identifica o lugar do outro e homogeneiza quem possui a mesma característica. Sendo criações culturais e sociais que se tem uma dada necessidade de afirmação durante o tempo para continuarem a existir.

A identidade passa por uma tentativa de fixação, o que não pode ocorrer na prática, já que a cultura é mutável e vai se transformando ao longo do tempo, não algo puro, mas uma junção de vários aspectos e práticas. Se imaginam laços comum e homogêneos que muitas vezes estão ligados a tradição para justificar e aplicar essa fixação de identidade, no caso da cidade de Juazeiro do Norte com uma figura singular que é o Padre Cícero se vê a premissa de uma cidade toda e completamente cristã, o que não é uma situação real e sim representada.

Conclusão

Em um âmbito histórico, já que o Candomblé é uma religião de matriz africana, a definição desta identidade remete a uma situação de mudança de lugar, colocação de diáspora, associação com o conceito de migração, neste caso forçada, mas que remetem a quesitos ilustrados no livro *Da Diáspora*, de Hall (2003). Os que chegam são colocados à margem da sociedade por suas práticas próprias e assumem um reforço de sua cultura, se reafirmando, acarretando uma reformulação, como quando os escravos faziam para poderem cultuar suas divindades semelhantes aos santos da igreja católica.

Ao longo do tempo se insurge um hibridismo cultural que tanto agrega novas características quanto mantém algumas já permanentes, dando lugar ao novo. Entretanto, em alguns casos isso provém de conflitos como a colonização de um espaço, sendo este processo ditado não por uma classe hegemônica e sim por quem chega e traz consigo uma bagagem cultural própria, afetando assim o todo.



Neste contexto, a Marcha em Combate a Intolerância Religiosa atua de forma contestadora da identidade posta dentro de um imaginário compartilhado. As velhas certezas ancoradas em uma manutenção de identidade fixa são desmistificadas e despertam para uma realidade que também existe e luta por igualdade de direitos.

Sendo assim, temos que os espaços midiáticos também devem atuar como reforço para o combate de preconceito. Ao mesmo tempo que não é denotado o preconceito este tende a se espalhar pelos aparelhos presente na vivência social do indivíduo. A mídia pode atuar tanto como reforço positivo, quanto negativo, saindo de uma premissa empresarial para com um compromisso sólido com o social.

Referências bibliográficas

BUTLER, J. **Bodies that matter**. Londres: Routledge (capítulo introdutório publicado em português, Guacira Louro. Org.), 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1981.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 23ª ed. Vozes - RJ, 2000.

GARCÍA, Néstor Canclini. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**, 4ªed. – São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. LT. 1988.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo**. A era do vazio. Barueri: Manole, 2005.

MISKOLCI, Ricardo. **A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias, ano 11, nº 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

Site do Coletivo Intervezes. Ciclo de Formação Mídia e Educação em Direitos Humanos. Disponível em: [cehttp://pt.calameo.com/read/002937830bd5f81c45597](http://pt.calameo.com/read/002937830bd5f81c45597). Acessado em: 10/05/2015.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade & diferença. Petrópolis: Vozes, 2000.

